

SELETA

JOÃO RAMALHO

Jaime Cortesão

João Ramalho é o grande elo, o mais direto e sólido entre a pré-história e a história do Brasil; entre a cultura indígena de um lado e, do outro, a cultura adventícia, representada por Martim Afonso de Sousa e a Companhia de Jesus, ou sejam as suas duas faces: a laica e a sacra. Ele, como ninguém, conhecia as vantagens de posição dos campos de Piratininga em relação ao Prata, ou seja, ao Tietê e ao Paraná. Dos depoimentos combinados do padre Nóbrega, ao afirmar que João Ramalho ia à guerra com os índios, e do padre Anchieta, quando acrescentava que estes **comumente andavam mais de cem léguas** para guerrear os seus contrários, pudemos com segurança concluir que o Patriarca do campo de Piratininga conhecia aquelas vantagens de posição, já por assimilação cultural, já por experiência própria. João Ramalho, **homem possante que antes de jantar andava nove léguas**, conforme o testemunho de Tomé de Sousa, havia de conhecer, como os próprios índios seus parentes e aliados, a rosa dos ventos dos caminhos do sertão. E se nos lembrarmos que, desde São Paulo até à foz do Tietê no Paraná se interpõem cem léguas das antigas, é inconcebível que João Ramalho não tivesse navegado o Tietê e o Paraíba ou ignorasse que aquele rio pertencia à bacia do Prata. Incorporado às tribos e chefe tribal, ele participou da cultura nômade da sua vasta parentela e correu por certo aventuras descobridoras que a história ignora, porque ao mergulhar na tribo, caiu no grande silêncio da pré-história.

De João Ramalho, mais diretamente do que ninguém, terão derivado os informes que levaram D. João III e o seu Conselho a planejar o povoamento, sobre aquele caminho, **desde el puerto de San Vicente, por tierra, al Rio de la Plata**, como Gonçalo da Costa fizera saber à Imperatriz, se é que ele próprio não concorreu também para aquela decisão.

De João Ramalho se poderá dizer que fundou o domínio português sobre os campos de Piratininga pela única forma que lhe era possível: a fusão com as tribos goianá e tupi, das quais, pela assimilação cultural, se tornou o senhor e o dirigente. Mas, ao indianizar-se, americanizou-se. Abrasileirou-se. Deu o primeiro passo para a colina do Ipiranga, onde outro português, igualmente assimilado, iria soltar o grito final da Independência. Bem mais do que um fundador de São Paulo, ele inicia o longo e múltiplo processo de diferenciação entre a Colônia e a Metrópole.

Quando alguns, ainda que poucos, historiadores brasileiros partilham o juízo ortodoxo dos jesuítas de Quinhentos sobre João Ramalho e a poligamia luso-tupi, eles rejeitam do mesmo passo uma realidade americana própria, específica, de base e, por consequência, um dos alicerces em que assenta a construção genuinamente brasileira de nação.

(**A Fundação de São Paulo, Capital Geográfica do Brasil**, 139/140. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955.)

*
* *
*